

tanto mais amplos e mais belos, quanto mais bela e mais ampla se faça a nossa visão espiritual.

Construamos, pois, o nosso paraíso por dentro.

Lembremo-nos de que os grandes culpados que edificaram o inferno, em que se debatem, respiram o ambiente da Terra — da Terra que é um santuário do Senhor, evolutindo em pleno Céu.

Nossa ligeiro apontamento em torno do assunto destina-se, desse modo, igualmente a reconhecemos, mais uma vez, o acerto e a propriedade da palavra de Nosso Divino Mestre, quando nos afirmou, convincente: — «O reino de Deus está dentro de nós.»

ANDRÉ LUIZ



13

Resgate

Na noite de 8 de Setembro de 1955, recolhemos a mensagem de P. Brandão, um amigo desencarnado que fora anteriormente socorrido por nossos Benfeiteiros em nosso templo de conforto espiritual.

No inicio de nossas tarefas, na noite mencionada, havíamos lido por tema de meditação a palavra do Divino Mestre, em que nos recomenda: — "Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele." E o comunicante amigo reportou-se à citação evangélica, a fim de trazer-nos a sua experiência, repleta de material para nossos estudos em torno do ser e do destino.

Meus amigos.

O texto que nos serviu de meditação nesta noite foi aquele das palavras de nosso Divino Mestre: — «Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele.»

Certamente por isso determinam nossos orientadores algo vos fale de minha agoniada experiência.

Há dois anos, precisamente, tomei contacto consigo. Nessa época, não passava de um infeliz psicopata, fora do corpo físico.

Triste duende da aflição na noite da angústia, carregava comigo todos os remanescentes da queda moral a que me despenhara.

Com o auxílio da palavra edificante e da oração fervorosa, senti que o Evangelho do Cristo me transformava...

Clareou-se-me a vida íntima e, amparado por braços amigos, fui conduzido a uma instituição de saúde espiritual.

Por dez meses consecutivos, submeti-me a tratamento.

Revigorado, compareci diante de observadores e analistas de nosso plano, junto dos quais o serviço de socorro iniciado em vosso templo, a meu benefício, encontrou a continuação necessária.

Subordinado a operações magnéticas, minha memória religou-se ao passado próximo e revi-me na existência última, encerrada há trinta anos.

Nos primeiros lustros do século corrente, era eu um rapaz egoísta e leviano, amigo da aventura e adversário do trabalho.

Desposei uma jovem rica e inexperiente, com o simples propósito de surripiar-lhe a herança, já que o velhinho, que me seria sogro por alguns dias, abeirava-se do sepulcro, por ocasião de meu matrimônio.

Filha única e órfã de mãe, após o decesso do genitor minha mulher viu-se dona de considerável fortuna, que tratei de chamar a mim.

Valendo-me de uma procuração que me permitia atuar com plenos poderes, vendi-lhe as propriedades e reuni, em meu nome, a importância de novecentos contos de réis, e abandonei-a, fugindo para a Europa.

A volúpia do ouro e do prazer entonteceu-me a consciência.

Por cinco anos, mantive-me entre o jogo e a dissipaçāo, até que, finalmente, a miséria e a tuberculosis me bateram à porta.

Esmagado por atrozes desilusões, regressei ao Brasil, no entanto, surpreendido, vim a saber que minha esposa, incapaz de resistir à extrema pobreza a que fôra por mim relegada, confiara-se ao prostíbulo, encontrando a morte num asilo de moléstias contagiosas, poucos dias antes de minha volta ao Rio.

Foi, então, que o remorso terminou a obra que a moléstia começara.

Em tempo breve, as aflições conscienciais me desligaram do vaso físico.

Fantasma do arrependimento e da culpa, deambulei sem consolo nas trevas de minha própria vida mental.

Não encontrava outras visões que não fôssem aquelas de minha companheira a acusar-me ou de meus erros a se erguerem, indefinidamente, diante de meus olhos.

Sofri muito, até que o socorro divino me atingisse o coração desarrornado.

Tornando ao governo próprio e acordado para os deveres do reajuste, vi-me imbuído da sincera disposição de recuperar-me.

Esperançoso, perguntei por meu futuro, mas nossos Instrutores foram unâmines em declarar que ninguém avança sem saldar suas dívidas.

Atordoado, perguntava a mim mesmo por onde recomeçar.

A verdade, porém, surgia clara aos meus olhos.

A esposa desprezada era meu credor número um...

Busquei-a, ansiosamente, contudo, mais infotunada que eu mesmo, permanece ainda anestesiada na delinquência, imantada a cúmplices de ações reprováveis, em furnas tenebrosas das regiões inferiores.

Ela, porém, é o meu credor principal, e, em razão disso, é o ponto básico de minha restauração.

Implorei o socorro da Compaixão Divina e, por intermédio daqueles heróis da beneficência que nos assistem, obtive permissão para nova romagem de luta, junto daquela que espezinhei.

Tomá-la-ei sob minha responsabilidade e transportá-la-ei para o cadiño da experiência humana, em meus braços, inconsciente qual se encontra.

Renasceremos juntos no berço carnal, ampa-

rados por um coração materno que já se dispôs a recolher-nos.

Seremos irmãos gêmeos, filhos de um parto duplo.

Ser-lhe-ei o guardião, o tutor e o amigo.

Em plena meninice, sofrerá ela as inibições orgânicas que, pouco a pouco, interná-la-ão num leito de amargura em que possa retificar os desequilíbrios perispíriticos e, assegurando-lhe a manutenção e o consolo, atenderei à regeneração de que necessito.

Conquistarei dificilmente o pão de cada dia para nós ambos.

Renunciarei a quaisquer vantagens nas lides materiais.

Nem aspirações mundanas realizadas, nem sonhos de felicidade atendidos, no aprendizado novo que me cabe desenvolver.

Envergarei a túnica do operário desfavorecido e sacrificado, para descobrir no trabalho a essência da redenção.

E, devotado e contente, montarei guarda à companheira que caiu por minha culpa.

Ser-me-á irmã torturada e querida, por quem devo adiar a concretização de qualquer esperança, no que se refira à minha ventura pessoal.

Entretanto, não lhe sou devedor de simples patrimônio moral, mas, perante as Leis Divinas, devo-lhe, ainda, dinheiro terrestre em moeda brasileira.

Compete-me restituir-lhe a importância que lhe pertencia, acrescida com juros de mora, que pagarei, vintém por vintém, até que nos desvencilhemos do cárcere de nossos débitos, recuperando, enfim, a oportunidade de progredir que, formosa, nos sorria no alvorecer deste século.

Minha palavra, pois, nesta noite, é um adeus e um agradecimento, constituindo igualmente, em nome das Leis de Deus, uma lição que devemos aproveitar.

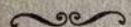
«Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele.» (1)

Quem puder compreender, comprehenda, porque o tempo funciona para nós todos, dentro dos mesmos princípios.

Envolvendo, assim, os nossos benfeiteiros em meu agradecimento, espero abraçar-vos, de novo, amanhã, em Plena Eternidade.

Que Deus nos abençoe.

P. BRANDÃO



(1) Mateus, 5:25. — Nota do Organizador.